

## PESQUISA PARTICIPANTE: POSSIBILIDADES PARA O ESTUDO DA ESCOLA

*Maria M. Malta Campos*

Do Departamento de Pesquisas Educacionais  
da Fundação Carlos Chagas

2586

Observa-se, em relação aos estudos sobre a escola, a mesma insatisfação que levou muitos a enveredar pela experiência da pesquisa chamada de "participante", em outras áreas.

Quando se trata de educação, essa tendência revela um interesse especial, dada a dimensão educativa inerente às experiências de pesquisa participante. Com efeito, uma das raízes do ressurgimento mais recente dessa linha de investigação encontra-se justamente nas experiências de educação popular que se inspiram mais ou menos diretamente em Paulo Freire. A valorização do saber popular, o respeito pelo ritmo e pelo processo de construção de conhecimento vividos pelos adultos com os quais interagem os animadores ou monitores, o projeto de transformação que supõe a superação do isolamento e da exclusão, o aluno visto como sujeito desse processo, todos esses elementos encontram-se presentes com maior ou menor clareza nas experiências e propostas de pesquisa participante, investigação militante, enquête operária, ou qualquer outro nome que se queira dar.

Estas experiências, na maior parte dos casos, desenrolam-se com grupos da população que desejam conhecer melhor algum aspecto de sua realidade, para poder agir sobre ela. Esses grupos, que podem encontrar-se em estágios diversos de mobilização e tomada

de consciência sobre sua própria situação, podem ou não ser aqueles que tomam a iniciativa de propor a pesquisa. De qualquer forma, a participação de um ou mais elementos externos, na qualidade de profissionais ou de militantes detentores dos conhecimentos e técnicas necessárias ao desenvolvimento do projeto, coloca lado a lado pessoas com origem e formação diversa para levar a cabo uma determinada tarefa.

A tônica das propostas de participação em pesquisa incide exatamente sobre o tipo de interação que se desenvolve entre essas pessoas com características diferentes e com uma inserção na realidade também distinta. Qual o poder que cada um dos parceiros tem sobre os objetivos e o andamento do trabalho; como devem ser os procedimentos em cada etapa, de forma a assegurar ao grupo popular o direito de se apropriar das descobertas e do conhecimento que vai sendo acumulado; como deve ser distribuído o produto final da pesquisa, de que maneira se assegura a devolução dos resultados para a população e o controle de sua disseminação para terceiros. E, questão nem sempre resolvida, como garantir que o trabalho se constitua realmente em pesquisa, ou seja, em conhecimento crítico da realidade, e não se perca em um simples exercício de camaradagem ou de ativismo político no sentido mais estreito.

Na realidade, existe sempre uma tensão entre os dois polos de investigação, para usar a terminologia de Michel Thiollent. De um lado a urgência da realidade, o compromisso de agir dos grupos mobilizados da população; de outro a vontade de conhecer, de superar a visão do senso-comum, de interpretar aquela realidade segundo uma realidade mais abrangente para a qual já existem teorias, modelos explicativos e conhecimento acumulado. É claro que esse conhecimento mais crítico também contribui para os projetos de transformação da realidade e nesse sentido soma-se ao projeto local de mudança. Entretanto essa ligação nem sempre é transparente e sem problemas. Não só a possibilidade de se apropriar do conhecimento produzido é diferenciada (para os parceiros da pesquisa), como também a pressão para agir é sentida mais de perto por quem está vitalmente ligado àquela realidade.

Ora, todos esses aspectos de proposta da pesquisa participante ganham uma nova especificidade quando o objeto do estudo é a escola. Pois a escola é justamente a instituição cuja razão de ser é a transmissão do conhecimento socialmente acumulado. Ou seja, dentro da escola estão, por definição, presentes os mesmos atores ou, pelo menos, atores correspondentes àqueles já mencionados: o aluno e o professor, os que aprendem e os que devem ajudar a aprender. E tanto isso é verdade, que as críticas que são feitas aos esquemas tradicionais de pesquisa são muito semelhantes às críticas que o movimento de educação popular realizou sobre o ensino formal, muitas destas, por sua vez, recuperadas do escola-novismo. Sem a intenção de esgotar os exemplos, o aluno entendido enquanto sujeito da aprendizagem e não objeto passivo da ação do professor corresponde ao entrevistado ou observado, que passa a ser visto também como sujeito do processo de investigação. O mesmo paralelismo pode ser estabelecido com a crítica ao conteúdo tradicionalmente transmitido pela escola, apontado como dissociado da realidade vivida pelos alunos e não construído a partir dessa experiência através de um processo que deveria se iniciar pela valorização do saber do aluno. Da mesma forma as propostas de pesquisa participante valorizam o saber popular, tentando reconstruir a história de suas lutas e integrando o conhecimento da realidade local ao processo de discussão suscitado pela investigação.

Trata-se, no fundo, de uma mesma proposta pedagógica subjacente às duas linhas de trabalho que se propõem, respectivamente, a rever as práticas de pesquisa e a rever as práticas escolares.

Partindo dessa primeira constatação, resta examinar, ainda que esquematicamente, como poderiam se desenvolver, dentro da escola, experiências de investigação que se inspirem nessa linha que chamamos de "participante".

Em primeiro lugar, seria necessário considerar que a escola apresenta-se como uma instituição onde estão presentes personagens que desempenham diferentes papéis, detém graus diversos de poder e estão ligados a um aparato burocrático mais amplo, o sistema de ensino, o qual desenvolveu níveis hierárquicos e redes bastante complexas de relações entre esses níveis. Esse primeiro dado indica que seria no mínimo pouco produ-

tivo ingressar na escola com uma postura ingênua, sem levar em conta a teia de relações nem sempre transparentes entre os diversos atores ali presentes: diretores, professores, funcionários, pais eventualmente presentes, alunos, inspetores etc. . .

Do lado de dentro da escola, as possibilidades de pesquisa são muitas, mas nem sempre simples de definir. Uma primeira dificuldade é sugerida pelo estimulante artigo de Elsie Rockwell e Justa Ezpeleta, pesquisadoras mexicanas que realizam uma observação aprofundada, inspirada em metodologias antropológicas, em escolas elementares. Tentando olhar a escola com olhos despidos das categorias desenvolvidas a partir de análises baseadas na estrutura formal do sistema escolar, olhando-a "do lado de baixo" segundo sua expressão ("desde abajo"), elas constatam que o objeto de análise que assim começam a construir em nada se parece com aquele que decorre das análises feitas "do lado de cima". Com efeito, elas conseguem captar, através de sua abordagem, como uma dada escola é socialmente construída por aqueles que ali interagem: pais, grupos da população, professores, alunos, diretor, serventes etc... Embora, estas pesquisadoras não sigam uma linha de trabalho que possa ser identificada como "pesquisa participante", na realidade sua abordagem permite incluir no campo do observável muitos aspectos que geralmente são captados por essas pesquisas: a história local da escola, o significado dos vários componentes da instituição e da ação escolar para as pessoas que concretamente lhe dão vida no dia-a-dia.

A maior parte das experiências de pesquisa que envolve algum grau de participação na escola, no entanto, refere-se a aspectos específicos da ação escolar, mais especialmente à relação professor-aluno e a questões ligadas ao processo de aprendizagem. Ou seja, são investigações que de alguma forma pressupõem o objetivo explícito da escola — transmissão de conhecimentos, atitudes, hábitos — e a partir daí se propõem a pesquisar formas mais adequadas e desejáveis de alcançar essa finalidade, através de uma ação junto aos professores ou demais adultos que lidam com as crianças, ação que acompanha todo o processo de pesquisa e faz parte integrante dele. Nessa categoria podemos incluir os estudos realizados pelos SRESAS, do INRP — Institut National de Recherche Pédagogique — na França e os estudos coordenados por Bruner, na Inglaterra, no campo do ensino elementar e pré-escolar. Essas experiências costumam apresentar, em todas as suas fases, uma dimensão que se aproxima de um treinamento junto aos elementos da equipe da escola envolvidos no projeto.

Reside justamente aí o ponto interessante a ser destacado: a dimensão educativa da pesquisa participante expressa-se, no caso da escola, na forma de uma apropriação, por parte dos professores, de instrumentos de análise e observação que são de domínio dos pesquisadores educacionais, como por exemplo técnicas de observação e registro do trabalho em sala de aula. Aprendendo a usar essas ferramentas, o professor acaba por apropriar-se, também, de meios que o auxiliam a encetar, por si próprio, um trabalho de revisão e aperfeiçoamento de sua prática. Além disso,

ao estabelecer com o professor ou grupos de professores uma relação aberta de troca que acompanha e condiciona o processo de pesquisa, o pesquisador provoca indiretamente um questionamento das práticas autoritárias vigentes na escola, tanto entre os professores e seus superiores, como entre professores e alunos ou professores e pais. Dessa forma, o impacto da pesquisa na escola pode ser sentido e avaliado durante o processo. A utilização dos resultados finais do trabalho é apenas mais uma forma de devolver para aquela escola o produto do trabalho realizado em conjunto. Por outro lado, a utilidade e a aplicabilidade desses resultados é alguma coisa que já vai sendo testada no percurso, o que representa uma garantia maior em termos da relevância do estudo.

Francesco Tonucci, em artigo traduzido e publicado pelos *Cadernos de Pesquisa*, realiza um inventário das aplicações de uma abordagem participante nas pesquisas a que ele se refere como pesquisas *na* escola e não *sobre* a escola. Muitos dos instrumentos usualmente utilizados em metodologias experimentais são então recuperados dentro dessa outra proposta, como é o caso das provas objetivas e das observações quantificadas, além de outros provenientes da sociologia e da psicologia, como o questionário, a observação clínica, o sociograma.

As pesquisas do SRESAS na França utilizam o vídeo-tape como uma forma de transformar aquele que é observado no observador de si próprio, técnica que permite a discussão e a formulação conjunta com o pesquisador, de propostas de mudança no comportamento em situação de trabalho. A equipe de Bruner, na Inglaterra, usou pequenos gravadores que eram colocados no bolso da professora de pré e que ela mesma ligava por períodos de 20 minutos. Cada professora selecionava o objetivo que ela julgava importante perseguir em seu trabalho e ligava o gravador quando desejava registrar momentos relevantes para esse esforço. A transcrição das gravações era então discutida em conjunto com os pesquisadores e novos registros eram feitos para captar possíveis mudanças de conduta.

No caso das observações sistemáticas que foram realizadas sobre o comportamento das crianças no pré, nas quais o comportamento de uma criança-alvo era observado minuciosamente durante períodos curtos de tempo, observações que depois foram quantificadas e analisadas estatisticamente, associações de pais e monitores da comunidade interessaram-se em aprender a usar esta técnica para seus próprios objetivos. Havia a consciência de que o professor, e mesmo a mãe monitora, que aprende a observar, ganha melhores condições de reformular e aperfeiçoar seu próprio trabalho.

Todas essas experiências constituem-se em respostas à insatisfação cada vez mais manifestada pela escola com as pesquisas que a utilizam como objeto ou espaço de investigação. Como diz Tonucci, a pesquisa "já denunciou todos os erros da escola". Segundo ele, os erros da escola dão vida a novas pesquisas sobre esses erros e assim por diante. A participação da escola na pesquisa permite superar esse círculo vicioso, pois a experiência mostra que só os resultados de tra-

balhos realizados *com* a escola têm possibilidade de modificar a prática concretamente seguida por ela. As pesquisadoras do SRESAS revelam que "Nossa presença não é neutra, ela cria na escola um vento de contestação".

Finalmente, restaria comentar a experiência de estudar a escola, não do lado de baixo nem do lado de cima, mas do lado de fora. Esta foi a linha adotada em estudo que realizei sobre quatro escolas da zona sul de São Paulo. Nesse trabalho, a pesquisa desenvolvida com a participação de dois grupos de moradoras dos bairros supostamente atendidos por estas escolas, recuperou a história local de luta pelo acesso ao ensino elementar e pela permanência das crianças nas precárias escolas conquistadas. A perspectiva da investigação, que procurava analisar as tentativas de participação da população junto às escolas de acordo com a percepção dos grupos de moradores que tomaram parte nessas lutas, se por um lado permitiu levantar e discutir aspectos fundamentais que caracterizam o tipo de participação que os moradores conseguem desenvolver, por outro não chegou a discutir em detalhe essa interação sempre conflitiva, de forma a levar em conta o que realmente ocorre *dentro* da escola. Ou seja, a análise procurou dar conta da versão popular dessa "guerra" entre população e sistema escolar (conforme expressão de uma das mães), e nessa versão a atuação das diretoras e professoras aparece exclusivamente segundo a percepção dos pais e moradores, o que evidentemente traz muitas limitações para a compreensão do problema. Entretanto, por constituir, sem dúvida nenhuma, o elo mais fraco da cadeia de poder do sistema de ensino, entender a percepção e a vivência da clientela da escola constitui tarefa fundamental se queremos compreender o que ocorre realmente na escola — como desejam as pesquisadoras mexicanas — e se queremos investigar as possibilidades de transformação dessa escola dentro de uma realidade onde os movimentos sociais desempenham um papel cada vez mais visível.

Assim, as possibilidades da pesquisa participante em relação ao estudo da escola parecem ser tanto maiores quanto mais adotam o critério da proximidade, seja colocando-se dentro da unidade escolar, seja olhando-a do lado de fora, da perspectiva do bairro. Essa proximidade, se restringe a amplitude dos estudos — geralmente estes são estudos de caso —, permite a análise mais cuidadosa dos mecanismos nem sempre transparentes que estão em jogo na escola e que acabam por produzir estes ou aqueles resultados junto às crianças, principais destinatários da atividade escolar. Como vimos, não só permite que a análise inclua no seu âmbito fatores nem sempre perceptíveis por pesquisas mais amplas, como traz consigo a possibilidade da transformação, que pode se iniciar no aqui e no agora.

Finalizando, restaria examinar quais seriam as limitações dessa linha de trabalho. Os relatos disponíveis fazem sempre menção às dificuldades encontradas: falta de tempo dos professores para participar das tarefas envolvidas nos projetos, prazos das pesquisas que nem sempre coincidem com os prazos escolares, necessidade de uma continuidade dificilmente garantida, interferência de fatores políticos ou conjunturais ex-

ternos, e assim por diante.

Entretanto, é provável que as limitações mais sérias sejam de outro tipo. Que problemas, básicos para o estudo da escola, não são passíveis de abordagens desse tipo? Que tipo de dados, só coletados por estudos que adotam metodologias que não comportam a participação da escola, são fundamentais para sua análise? O programa de pesquisas desenvolvido por Bruner, por exemplo, utilizou várias abordagens, que nem sempre previam uma dimensão participante. Porém, combinando diversas formas de investigação, foi possível chegar a uma análise bastante completa

e ampla das formas de guarda e educação da criança de 0 a 5 anos.

A título de conclusão, fica a hipótese de que a pesquisa participante reserva inúmeras possibilidades para o estudo da escola, sempre que não seja entendida como solução mágica, definitiva ou exclusiva. O mundo pequeno mas ilimitado da escola ainda é tão pouco conhecido em suas possibilidades de transformação, que não se pode prescindir de nenhuma forma de pesquisa que tenha condições de trazer um pouco de luz para seus problemas, seja a curto ou a longo prazo.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNER, Jerome. *Under five in Britain*. Ypsilanti, The High/Scope Press, 1980.
- CAMPOS, Maria M. Malta. *Escola e participação popular: a luta por educação elementar em dois bairros de São Paulo*. 1982. Tese de doutoramento, Departamento de Ciências Sociais, FFLCH, USP.
- IDAC. A observação participante: uma alternativa sociológica. *Cadernos do CEI*, 20, Rio de Janeiro, Tempo e Presença, 1978.
- INRP. *Trois essais de transformation de l'école*. Paris, INRP, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Nécessité et difficultés d'une méthode d'observation intervenante pour l'analyse de l'évolution d'une situation scolaire*. Paris, SRESAS, s.d. mimeo.
- ROCKWELL, Elsie e EZPELETA, Justa. *La escuela: relato de un proceso de construcción inconcluso*. México, D. F., Centro de Investigación del INP, 1983. (Trabalho apresentado na reunião da CLACSO, São Paulo, junho de 1983.)
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social x enquête operária*. São Paulo, Polis, 1980.
- TONUCCI, Francesco. A pesquisa na escola: notas para debate. *Cadernos de Pesquisa* (41): 64-69, maio 1982, Fundação Carlos Chagas, São Paulo.